DISCURSOS ÉTICOS DAS PSICANÁLISES: O(s) discurso(s) de Freud

Prof. Dr. Vincenzo Di Matteo[*]
dimatteo@nlink.com.br

Resumo. O artigo pretende rastrear, no epistolário de Freud e em textos significativos de sua obra, as considerações sobre o complexo fenômeno moral; assinalar as inflexões desse discurso ético que, fundamentalmente, correspondem às várias reformulações de sua metapsicologia; finalizar com algumas conclusões que os textos analisados podem legitimar.
Palavras-chaves: Moral, Ética, Cultura, Psicanálise.

Abstract. The article intends to track, in Freud´s correspondence and significative texts of his work, considerations about the complex moral phenomenon; sign up the inflexions of this ethic speech which, fundamentally, corresponds to the various reformulations of his metapsychology; finalize with some conclusions that the analyzed texts may legitimate.
Keywords: Moral, Ethic, Culture, Psychoanalises.

O título no plural se justifica por duas razões fundamentais. A primeira nos remete ao pluralismo de discursos éticos que circulam nas várias psicanálises que surgiram a partir do freudismo. A segunda decorre do fato que é possível assinalar algumas inflexões no próprio

[*] Professor de Filosofia da UFPE

discurso ético freudiano e que correspondem às várias reformulações de sua metapsicologia.

"Se sempre voltamos a Freud – escreve Lacan (1988, p.51) – é porque ele partiu de uma intuição inicial, central, que é de ordem ética". É essa problemática que pretendo rastrear em alguns textos mais significativos da obra freudiana e assinalar as soluções propostas. Após uma breve revisão da bibliografia existente sobre o assunto e rápida explicitação dos termos-chaves, procedo à reconstrução genética dos discursos éticos de Freud. Preferimos, porém, uma abordagem sincrônica dos textos freudianos relacionados com o discurso metapsicológico, clínico e cultural. A razão reside no fato de que se é possível distinguir os três discursos, difícil é separá-los, visto que eles se interpenetram e se realimentam reciprocamente a ponto de qualquer remanejamento na base do edifício teórico psicanalítico exigir um rearranjo no cume, isso é, no fenômeno da cultura em geral e da ética em particular.

I. Ética e Psicanálise Freudiana: uma revisão bibliográfica

Não falta a Freud uma preocupação com a problemática ética. Ela flui naturalmente na medida em que a psicanálise é ao mesmo tempo um método de investigação do inconsciente, uma teoria e uma técnica de cura (FREUD, 1923, p. 287). Não é de estranhar, portanto, se tanto no próprio discurso freudiano, como naquele de seus seguidores se encontram inúmeras alusões e até um conjunto de reflexões bastante articulado em torno da questão da ética da psicanálise, como por exemplo, o *Seminário VII* de Lacan (1988), sem falar das obras - algumas clássicas – do fundador (FREUD, 1908; 1912-13; 1915; 1921; 1930; 1933b). Enfim, não devemos subestimar uma expressiva produção

bibliográfica sobre o tema entre psicanalistas e estudiosos brasileiros da psicanálise (COSTA, 1988, 1995 a, 1995b, 2004; FERRAZ, 1995; FRANÇA, 1996, 1997; GARCIA-ROZA, 1990; GOLDENBERG, 1994; JUNQUEIRA , 2005; KATZ, 1984; RINALDI, 1996; KEHL, 2002).

No decorrer do século XX, não faltaram tentativas de aplicar à área ética as descobertas freudianas: a existência da motivação inconsciente; a necessidade do conhecimento da estrutura do caráter de uma pessoa para uma melhor avaliação ética de suas pretensas virtudes ou vícios; o relativismo da consciência moral; o desmascara mento das racionalizações de desejos inconscientes presentes em valores tidos como válidos, objetivos, eternos, acima de qualquer suspeita.

Reflexões mais abrangentes sobre o problema moral em Freud se encontram especialmente, mas não exclusivamente (Cf. HARTMAN, 1960; PLÈ, 1969; RIEFF, 1960; RORTY, 1986; WALLWORK, 1994) nos pensadores da Escola de Frankfurt como decorrência da teoria crítica da cultura. Entre eles destaco dois autores, Fromm (1966; 1980; s/d) e Marcuse (1981), os quais retomam, de uma maneira mais explícita e significativa, o discurso ético de Freud na sua articulação com o mundo da cultura, ao mesmo tempo em que, cada um a sua maneira, tenta ir além do pessimismo freudiano, apontando para novas Éticas.

A razão que nos leva e retomar esse confronto entre os discursos éticos da filosofia e os da psicanálise é o novo quadro cultural em que ele se dará. Já Marcuse apontava para um envelhecimento da psicanálise freudiana. Mesmo assim, julgo necessário ou pelo menos conveniente voltarmos aos mitos trágicos de Édipo, Narciso, Eros, Ananke e Thanatos, assimilar este saber trágico da psicanálise "para se atingir o limiar de uma nova Ética, que renunciaríamos a derivar da obra de Freud por uma inferência imediata, mas que seria

longamente preparada pela instrução fundamentalmente não ética da psicanálise" (RICOEUR, 1978. p. 136).

O fundador da Psicanálise, de fato, não se ergueu como um profeta para consolar e guiar corações e mentes. A despeito do pessimismo que lhe é atribuído, porém, nunca perdeu sua paixão pela verdade, a crença na razão - representada pelo que chama de 'nosso deus Logos' (FREUD, 1927, p.69) -, a convicção na função terapêutica da ética para minorar as contradições culturais (FREUD, 1930, p.167). Paixão e crenças indispensáveis também para nós situados no limiar de um novo contexto cultural marcado pelo desencanto com o racionalismo otimista da ilustração, pelo luto decorrente da morte da utopia igualitária, pela forte ambivalência diante do fenômeno da globalização.

Antes de um confronto direto com o texto freudiano, é conveniente explicitar alguns termos chaves, os quais na sua ambigüidade apontam para problemas não apenas complexos, mas, em parte, aporéticos.

II. As palavras e as coisas: uma explicitação dos termos chaves

Ética ou Moral?

É difícil encontrar um consenso entre os próprios especialistas sobre o referente a que remetem essas duas palavras, uma de origem grega (ethos) e outra latina (mos). Freud não chega em seus escritos a tematizar uma eventual diferenças entre os dois termos. Talvez, pragmaticamente, assim como ele procedeu, em sua época, com os termos civilização e cultura (FREUD, 1927, p.16), pudéssemos menosprezar as diferenças semânticas e tomar os dois termos como sinônimos. De fato, tanto a palavra ética, quanto o termo moral dizem respeito às tentativas históricas – sempre precárias e provisórias - que as várias culturas empreendem para regular especialmente as relações sociais, visando uma

vida boa e justa, tanto para os indivíduos como para a comunidade em seu todo. Todavia, se admitirmos que a palavra ética evoca a necessidade humana da Lei, de recriar no mundo da cultura uma regularidade instituída para viabilizar a convivência humana, sem que isso implique ser fiadora dos códigos morais que se cristalizam numa determinada comunidade histórica, então poderíamos falar de uma psicanálise freudiana que se coloca certamente do lado do desejo, mas não contra a Lei, de uma psicanálise que critica o moralismo, mas não a Ética ou pelo menos uma certa concepção de Ética, como aparece claramente em *O mal-estar na civilização*. (FREUD, 1930, p.167-168).

Ética da psicanálise?

Essa expressão é pelo menos problemática, se não ambígua. Ao situar sua invenção no terreno das ciências da natureza, a psicanálise somente poderá se ocupar do mundo do 'é'; não o do 'dever ser' onde se inscrevem os vários discursos éticos do Ocidente. Esses, de fato, não se limitaram a descrever e explicar o fenômeno moral, mas em nome de um Absoluto ou sombra de absoluto e de uma determinada compreensão da 'natureza' humana apontaram para um 'mundo outro' pessoal e comunitário a ser construído e instituído. Se o homem deve, é porque pode. Se pode, é porque é livre. Ora a psicanálise, ao acentuar o determinismo do Inconsciente sobre a Consciência, do Id e do Superego sobre o Eu e ao considerar também esse último em boa parte inconsciente, parece minar os pilares da liberdade e da consciência sobre os quais assentava a teoria e a prática ética do Ocidente.

Por outro lado e surpreendentemente por certos aspectos, Freud nos responsabiliza pela escolha de nossas neuroses (FREUD, 1913) e até por nossos sonhos (FREUD, 1925), estigmatiza a neurose de 'covardia moral' por não se

ter coragem de assumir e administrar seus próprios desejos de uma maneira mais satisfatória.

Ao mesmo tempo, sendo a psicanálise não apenas uma teoria, mas também uma prática clínico-social é legítimo se falar de uma Ética da Psicanálise para defender a profissão de psicanalista de concorrentes despreparados e desonestos e/ou para defender os clientes de eventuais abusos por parte do analista facilitados pela assimetria da relação transferencial.

A expressão também pode insinuar que a psicanálise tanto na sua teoria quanto na sua prática clínica é portadora, se não de uma nova ética, pelo menos de um discurso crítico-descontrutivo com relação a certas crenças religiosas, filosóficas ou populares sobre as quais assentava a moral ocidental. Indiretamente, pelo menos, seria até possível inferir um discurso construtivo e propositivo, aparentemente menos exigente moralmente, mas mais honesto na medida em que leva a sério as verdades que a psicanálise ofereceu à nossa cultura para repensar sua moralidade (ou imoralidade).

Enfim, mesmo que Freud repita inúmeras vezes que a psicanálise não é uma *Weltanschauung*, (FREUD, 1933, p.193 ss.) ou que é compatível com qualquer uma (Carta a Putnam de 8.7.1915), que não possui uma utopia, nem alimenta a ilusão da felicidade, a expressão 'Ética da psicanálise' também pode ser justificada a partir do fato social que houve e há por parte de muitos uma verdadeira e tríplice demanda que lhe é dirigida . Junto com a demanda explicativa teórica - que veio ocupar o lugar das antigas religiões e de certas filosofias da existência -, e com aquela terapêutico-consoladora para aliviar a dor, a angústia e a responsabilidade de existir, há claramente uma demanda ética para responder às duas clássicas perguntas da ética filosófica: Como devo viver? O que devo fazer? Mais especificamente,

o que fazer com os nossos desejos de vida e de morte diante das interdições de nossa cultura?

As respostas a essas questões serão procuradas na obra freudiana. Mesmo assim, talvez não seja da ordem da simples curiosidade e sim da conveniência surpreender o Freud epistolar, o Freud enquanto homem sobre o que ele pensa da moral e da ética.

III. O homem Freud e a ética.

São conhecidas as ambivalências freudianas – para usar um termo politicamente correto - com relação à filosofia em geral e à ética em particular. Numa carta ao Professor de Filosofia Werner Achelis, que tinha escrito e enviado para Freud o texto "O problema dos Sonhos: Ensaio Filosófico", encontramos um depoimento sobre Filosofia (metafísica) que nos deixa perplexos, sem saber se é expressão de honestidade intelectual ou de simples 'bravata'.

> Outros defeitos da minha natureza sem dúvida me entristeceram e me fizeram sentir-me humilde; com a metafísica é diferente: não só não tenho nenhum talento, mas tampouco nenhum respeito por ela. Em segredo – não se pode dizer estas coisas em voz alta – creio que um dia a metafísica será condenada como uma praga, como um mau uso do pensamento, como uma sobrevivência do período da *Weltanschauung* religiosa (Carta de 30.1.1927. FREUD, 1982, p.432).

É de se esperar, portanto, que a mesma hostilidade e indiferença mostrada com relação à metafísica, a reencontremos com relação à Ética, enquanto filosofia moral. Numa carta ao pastor Pfister escreve:

> ... a ética não me diz respeito e o senhor é pastor de almas. Não quebro muito a minha cabeça em relação ao bem e ao mal, mas em geral tenho encontrado pouco de "bem"

> nas pessoas. A maioria é, segundo minha experiência, canalha, quer pertença aberta ou disfarçadamente a esta, àquela ou a nenhuma doutrina moral. (Carta a Oscar Pfister de 9.10.1918)

Naturalmente, Freud não se considera um canalha. Numa carta a Putnam, agradecendo e comentando o livro que lhe enviara – *Human Motives* - nos revela sua autopercepção como de alguém 'muito' moral; sua desconfiança quanto a conversões ético-religiosas; o desconhecimento quanto às razões que possam levar alguém a se guiar por um ideal ético; a suspeita de que talvez estejam em boa parte na herança e que o estudo da sublimação poderia explicar psicologicamente as motivações humanitárias que encontrava no livro. A seguir, a surpreendente 'confissão' de Freud

> ... me considero um ser humano muito moral[...]Creio que, quando se trata de um sentimento de justiça e consideração pelos outros, para desgosto de fazer sofrer os outros ou de tirar vantagem deles, posso equiparar-me às melhores pessoas que conheci. [...] Quando me pergunto por que sempre aspirei a comportar-me honrosamente [...], então realmente não tenho resposta. [...] Na mocidade não senti nenhuma aspiração ética especial, e a conclusão de que eu sou melhor do que outros não me dá nenhuma satisfação reconhecível. [...] Por que eu e, incidentalmente, também os meus seis filhos adultos somos obrigados a ser seres humanos inteiramente decentes, para mim é inteiramente incompreensível. (FREUD, 1982, p.359-360. Carta a Putnam de 8.7.1915).

Alguns anos mais tarde, Freud parece ter encontrado uma razão pela obrigação da 'decência'. Antes de criticar duramente o mandamento do amor ao próximo, em *O mal-estar na civilização,* numa carta a Romain Rolland que apelida de 'apóstolo do amor à humanidade', assim se expressa:

> Eu mesmo sempre advoguei o amor à humanidade, não por sentimentalismos ou idealismo, mas por motivos sensatos, econômicos: porque, em face dos nossos impulsos instintivos e do mundo como é, fui forçado a considerar esse amor tão indispensável para a preservação da espécie humana quanto, por exemplo, a tecnologia. (FREUD, 1982, p.420. Carta a Romain Rolland de 29.1.1926).

Numa outra cartinha endereçada ao mesmo destinatário, em 19.01.1930, Freud (1982, p.456-457) admite que "a psicanálise também tem sua escala de valores, mas seu único objetivo é a harmonia enaltecida do Ego, que se espera que consiga ser o intermediário entre as exigências da vida instintiva (o "Id") e as do mundo exterior, entre, portanto, a realidade interna e externa"

Por esses breves depoimentos, é legítimo inferir que se há uma preocupação ética que perpassa a obra freudiana ela não deve ser procurada no homem Freud, mas em sua prática clínica. É o confronto com o sofrimento humano, especialmente de tipo neurótico, que leva Freud a tornar-se um advogado de defesa de seus clientes diante da cultura, ao mesmo tempo em que os responsabiliza pela sua neurose. O discurso ético, portanto, se articula sempre e necessariamente com a questão do sujeito na sua relação com a cultura. Se isso for verdade, é possível esperar que na medida em que vai se radicalizando o descentramento do sujeito operado pela psicanálise será possível assinalar as repercussões na esfera ética tanto individual quanto coletiva.

IV. As inflexões no discurso freudiano sobre o sujeito e a ética

4.1 Da clínica dos começos a *Moral sexual 'civilizada'*

A preocupação com o tema da ética já se encontra no *Projeto* (1895a) onde nos deparamos com uma breve afirmação que, de uma maneira direta ou indireta, será retomada várias vezes nos escritos em que Freud aborda questões ético-morais: "[...] o desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os *motivos morais*" (grifo do autor). (FREUD, 1895a p.422)

Essa primeira intuição vai se articulando inicialmente com a clínica dos começos e a com a construção teórica do 'aparelho psíquico' para dar conta dela, conhecida como primeira tópica. Por essa descrição, que encontra sua primeira descrição psicológica no cap. VII da *Interpretação dos Sonhos* (1900) e culmina com o artigo metapsicológico sobre *O Inconsciente* (1915), há, antes de tudo, um *descentramento do sujeito* da consciência e do eu para o inconsciente, o que evoca uma divisão do sujeito de caráter estrutural porque se encontra não apenas na experiência da psicopatologia (neuroses), mas também na atividade psíquica do homem normal (sonhos e atos falhos).

Nessa primeira tópica, porém, o descentramento ainda não é tão radical, porque afinal o conflito se dava entre as pulsões sexuais reguladas pelo princípio de prazer e as pulsões do eu, de autopreservação, regidas pelo princípio de realidade. Essas pulsões possuem uma certa autonomia com relação às sexuais para garantir a manutenção do indivíduo. Fome e amor seriam na linguagem dos poetas os representantes dessas duas forças em conflito. Desde o início, portanto, a neurose revela um conflito "massivamente de ordem moral" (LACAN, 1988, p.49). A oposição princípio do prazer x princípio de realidade, processo primário x processo secundário é menos "da ordem da psicologia do que da ordem da experiência propriamente ética" (Ibidem, p.49). Na evolução da metapsicologia freudiana se encontra "o

rastro de uma elaboração que reflete um pensamento ético" (Ibidem, p.51).

Será sua prática clínica, porém, que o levará a denunciar a responsabilidade e a incoerência da cultura ao exigir de seus membros uma moral sexual incompatível com a estrutura e o funcionamento do psiquismo humano.

A crítica, já presente nos escritos do final do século XIX (FREUD, 1898), encontra sua forma mais acabada no texto de 1908, *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna,* quando confronta as exigências morais da cultura com a história da sexualidade descrita alguns anos antes nos *Três Ensaios sobre a sexualidade* (FREUD, 1905). Critica o excessivo moralismo que normatiza a polimorfia da sexualidade humana, mas não aponta alternativas concretas em nome da 'jovem ciência' psicanalítica. O texto se encerra um pouco abruptamente, não reconhecendo ao médico a atribuição de propor reformas, mas apenas de defender a necessidade de tais reformas, considerando que a 'moral sexual civilizada' é responsável pelo aumento da 'doença nervosa moderna'. (FREUD, 1908, p.208).

No entanto, é exatamente o 'amor à verdade' psicanalítica que leva Freud a propor indiretamente uma nova ética sexual, aparentemente menos elevada na medida em que sugere que os indivíduos seriam mais saudáveis se lhes fosse possível ser menos bons, mas certamente mais honesta (FREUD, 1908, p.197). Não estaríamos condenados a escolher apenas entre desejo insatisfeito, infidelidade, neurose, perversão e hipocrisia. O amor à verdade e o zelo reformador nos podem libertar.

É verdade que o sujeito freudiano está duplamente descentrado e assujeitado por uma sexualidade polimorfa que o domina e pela cultura com suas exigências, ideais e interdições exageradas, sendo cada um de nós a resultante desse jogo de forças. Todavia, é inegável que nesta fase do

desenvolvimento do seu pensamento (1908), Freud é animado por um mitigado otimismo quanto à possibilidade de transformação dos neuróticos e da própria cultura. Se inicialmente colocou como objetivo do tratamento psicanalítico transformar um 'sofrimento histérico em infelicidade comum' (FREUD, 1895b, p.362-363), na primeira década do séc. XX, de uma forma mais propositiva considera a terapia psicanalítica como um instrumento para tornar um número satisfatoriamente grande de pacientes 'aptos para a existência', para uma vida mais produtiva, prazerosa e tolerante, sem estigmatizar os sintomas como doenças. (FREUD, 1904, p.261).

Essa visão 'otimista', porém, não vai demorar em se alterar quando Freud se defrontar, em *Totem e Tabu* (FREUD, 1913), com o assassinado do Pai da horda primitiva, mito fundador da moral, religião e sociedade.

4.2. Totem e Tabu: o nascimento da ética.

Com esse livro, há uma certa inflexão no pensamento ético de Freud, mesmo que o referencial teórico com o qual trabalha seja fundamentalmente o mesmo: o recurso ao modelo onírico-neurótico (recalque) e ao modelo filogenético. Na realidade um único e mesmo modelo, considerando que também para Freud a ontogênese repete a filogênese.

Em outras palavras, o complexo de Édipo, vivenciado no nível da fantasia pelo indivíduo empírico foi de fato consumado na origem da humanidade – pelo menos parcialmente – no tocante ao parricídio. Os filhos assassinos, porém, arrependidos, acabam divinizando o Pai e assumindo o tabu do incesto e do parricídio, dando origem, portanto, à moral e à sociedade humana.

Por certos aspectos, *Totem e Tabu* projeta sobre toda a história da cultura a sombra sinistra da experiência de um

mal-estar, de um negativo de difícil transposição: crime (parricídio); castigo (culpa); renúncia cultural. Por outros, uma luz de esperança. Graça aos mecanismos de recalque e de sublimação, poderá neutralizar as forças eróticas e agressivas e canalizá-las para o bem do sujeito e da própria comunidade. Torna-se, dessa maneira, a guardiã e fiadora da Ética.

O pacto civilizatório entre os irmãos parricidas, porém, é frágil porque persiste o desejo de ocupar o lugar interditado do *pai assassinado.* Desejo que se torna mais perigoso para a cultura quando coincidir com a demanda de proteção dos outros. Tema que Freud vai retomar alguns anos mais tarde em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (FREUD, 1921).

4.3. Do narcisismo à ilusão nas massas. a difícil tarefa ética

Com a introdução da noção do narcisismo, em 1914, o descentramento do sujeito sofre uma nova inflexão. O próprio eu se torna uma instância psíquica erotizada e regulada pelo princípio do prazer. O que há inicialmente são apenas dispersão e pluralismo de pulsões auto-eróticas. A libido pode se orientar para os objetos (libido do objeto) ou para o próprio eu (libido do eu)

O eu, portanto, não é o sujeito originário, mas um objeto entre outros objetos ao qual a libido se dirige. Essa nova teoria das pulsões parecia diluir o conflito intrapsíquico e, portanto, também o conflito ético. A eclosão da primeira guerra mundial, porém, pela barbárie individual e das nações em conflito surpreendeu a todos e, pelo menos em parte, também ao homem Freud.

Em seu texto *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1915), contemporâneo, portanto da primeira grande síntese dos artigos metapsicológicos, retoma o material da

Seção II de *Totem e Tabu* e analisa psicanaliticamente a grande 'desilusão' gerada pela guerra. "Esperávamos – escreve Freud (1915, p.312) – que as grandes nações de raça branca, dominadoras do mundo [....] conseguissem descobrir outra maneira de solucionar incompreensões e conflitos de interesses". A 'baixa moralidade' revelada pelas nações em conflito e a 'brutalidade' dos indivíduos pertencentes à 'mais alta civilização humana' geraram uma 'penosa desilusão'. "Na realidade, nossos concidadãos – continua Freud (ibidem, p.322) – não decaíram tanto quanto temíamos porque nunca subiram tanto quanto acreditávamos".

A psicanálise o convenceu que 'a essência mais profunda da natureza humana', consiste de pulsões primitivas, tais como as egoístas e de crueldade, que buscam sua satisfação. (cf. ibidem, p.317). Podem até ser domesticadas, de alguma maneira, por um fator interno, como o erotismo, capaz de transforma os instintos egoístas em sociais; por outro externo, como a educação, visto que civilização só foi possível pela renúncia à satisfação instintual de seus integrantes. Essas pulsões, porém, são imperecíveis. O indivíduo 'civilizado' pode a eles regredir em determinadas circunstâncias. O 'poderoso' mandamento ético 'não matarás' só pode ser entendido a partir de seu impulso inverso, igualmente poderoso.

A crença nessa imbricação de amor e ódio não leva Freud a um pessimismo ético. Acredita que a 'Natureza' consegue manter uma certa hegemonia do amor sobre o ódio e que talvez pudéssemos firmar "que devemos as mais belas florações de nosso amor à reação contra o impulso hostil que sentimos dentro de nós" (ibidem, p.338). De qualquer maneira, reconhecendo a verdade psicanalítica do ódio que se agita dentro de nós e da negação inconsciente de nossa própria morte, talvez só nos reste "tornar a vida mais tolerável para nós. [...] afinal de contas, o primeiro dever de

todos os seres vivos". E conclui, parafraseando a frase latina *si vis pacem, para bellum, si vis vitam, para mortem*, se queres suportar a vida, prepara-te para a morte". (ibidem, p.339).

A pulsão de morte vai ganhar um destaque especial em *Além do Princípio do prazer* (1920) quando o descentramento do sujeito se radicaliza, o que necessariamente irá ter suas repercussões no campo da ética, tornando ainda mais difícil o ideal de uma vida boa com os outros. A nova pulsão, desvinculada do conceito de representação, torna-se mais marcada pela força muda e bruta, deixando o sujeito ainda mais desamparado diante do *Id*.

Essa nova teoria das pulsões, de fato, é acompanhada da reformulação do aparelho psíquico conhecida como segunda tópica: *O ego e o id* (FREUD, 1923). É com esse referencial teórico que repensará o fenômeno da cultura e da ética (1930), bem como os objetivos da 'cura' psicanalítica (1937).

Antes da análise do famoso texto de 1930, há um 'pequeno livro' que é preciso destacar por alguns desdobramentos éticos que o perpassam: *Psicologia das massas e análise do ego* (1921). Nele, Freud tenta explicar psicanaliticamente um fenômeno estudado anteriormente por outros pesquisadores: as alterações que se dão no indivíduo quando entra a fazer parte de um grupo, da massa ou da sociedade, quando a responsabilidade ética dos sujeitos parece diluir-se perigosamente.

A tese defendida é que a transformação psíquica do indivíduo na massa é produto de uma redução do narcisismo de cada um dos membros em função da instalação do mesmo líder como 'ideal do eu' e do vínculo amoroso que se estabelece entre os pares, funcionando como compensação pela renúncia narcísica. Finalmente, retomando as idéias

desenvolvidas em *Totem e Tabu,* nos diz que o indivíduo na multidão ou grupos regride, de alguma maneira, a um modelo infantil e arcaico de funcionamento, na medida em que o homem é "um animal de horda, uma criatura individual numa horda conduzida por um chefe". (FREUD, 1921, p.154).

Se isso for verdade, o ser social do homem é vivido na massa como uma espécie de sonho acordado. Há uma vida libidinal que regride às experiências arcaicas do indivíduo (infância) e da espécie (filogênese). Pai da horda originária, Pai da infância, Líder acabam se sobrepondo, se confundindo e nos infantilizando. Há um desejo que perpassa os grupos e que é um desejo de Autoridade, de servidão voluntária. A multidão, dirá Freud, é ávida, tem sede de autoridade' e, consequentemente, de submissão.

Diante do poder sedutor, quase hipnótico, do líder e das massas, 'depósito herdado da filogênese da libido humana', parece que não há como pensar a liberdade, a singularidade e a responsabilidade ética. Todavia, à massa ou ao indivíduo enredado no seu desejo ilusório, Freud contrapõe uma *singularidade* animada pelo inconformismo. Mesmo que cada indivíduo seja a resultante de numerosos 'mentes grupais', sempre pode "também elevar-se sobre elas, na medida em que possui um fragmento de independência e originalidade". (FREUD, 1921, p.163).

Na realidade, a despeito dessas palavras inequívocas, a grande maioria não passaria de um animal de horda, mostrando a dificuldade de realmente aceder a um mundo de singularidade, de escolhas éticas e, portanto, de responsabilidade. Resta-nos o dilema dos porcos-espinhos – morrer de frio ou espetar-se pela necessária proximidade - retomado de Schopenhauer (FREUD, 1921, p.128 e nota 1). O laço social e ético entre os homens é necessário pelo desamparo individual e grupal frente à insensibilidade do mundo, mas dolorido, porque nada garante que o grupo

humano consiga encontrar um equilíbrio entre exigências de felicidade individual e exigências comunitárias.

4.4. A luta dos gigantes.

Sobre o discurso ético no famoso texto de 1930 – *O mal-estar na cultura* – permito-me remeter o leitor a um artigo anterior (MATTEO, 1997-98). Limito-me, aqui, a retomar a tese central de Freud. O mal-estar decorreria das proibições da cultura ao incesto, à sexualidade polimorfa e perversa e das restrições à própria sexualidade genital, de fato mais tolerada do que permitida. Mais do que isso, o mal-estar é o preço que é necessário pagar para que a civilização se torne possível e se desenvolva. Decorre de um sentimento de culpa inconsciente, filho de nossa agressividade que a cultura, pelo superego cultural, consegue colocar a serviço de Eros, devolvendo-a contra o próprio indivíduo.

Em suma, Freud mostra-nos que a felicidade não está inscrita nos planos da criação e que o destino do homem está mais próximo da infelicidade, cujas causas devem ser procuradas num mundo sem Providência, numa cultura sem tolerância e na natureza das próprias pulsões sem satisfação plena possível.

O mundo desencantado, porém, não é apenas um mundo vazio de Deus e da consolação que o acompanha. É também o mundo habitado por um mal radical evidenciado pela pulsão de morte. Daí o caráter dramático da existência humana. A luta para se manter na existência e na coexistência não é apenas contra uma realidade cega chamada Destino, mas também com uma realidade que atende pelo nome de Agressividade, Destrutividade, Crueldade, Ruindade.

Sem deuses, abandonados ao desamparo fundamental que caracteriza a existência humana, é no campo da ética que se trava a batalha decisiva da civilização. A ética é a tentativa terapêutica de lidar com o ponto mais doloroso dela, o das

relações entre seres humanos. Mas Freud se recusa a apontar saídas ou levantar-se como um profeta diante de seus semelhantes. Cada um terá que encontrar sua própria salvação para enfrentar a dureza da vida e ninguém pode garantir que Eros leve a melhor sobre Thanatos.

Essa visão, não conduz Freud a uma revolta metafísica ou a uma cansada resignação. Não é um asceta, nem um moralista, nem um anárquico. Entre a lei e o desejo, coloca-se em defesa do desejo, mas não contra a lei. Sugere, porém, que haja uma diminuição da rigidez do superego cultural e, conseqüentemente, das exigências éticas para que se tornem mais compatíveis com a realidade do psiquismo humano. Parodiando uma célebre frase dele - *onde havia Id deve advir Ego* (FREUD, 1933, p.102), poderíamos resumir a proposta freudiana em *onde havia superego cultural deve advir o ego.*

Quanto ao discurso clínico, dentro dessa nova rede conceitual Freud (1937) repensa a dimensão de cura em psicanálise em *Análise terminável e interminável.* A prática psicanalítica não se inscreve num projeto terapêutico de caráter científico, inspirado no paradigma da medicina; nem num projeto de salvação de natureza e inspiração religiosa. Sem promessas de cura e certezas para oferecer, a psicanálise apenas ajuda o sujeito a conviver com sua intransponível desamparo e a literalmente *inventar* um estilo de vida condizente com a singularidade do seu desejo.

Seria então a proposta ética de inspiração freudiana ao mesmo tempo apaziguadora e cínica, na medida em que parece insinuar que o ser humano é assim mesmo e que não há muito que fazer; individualista, por responsabilizar o homem pela sua neurose e as saídas singulares que deve inventar; político-reformista por clamar por reformas culturais no campo das exigências morais que levem efetivamente em conta as limitações do psíquico humano;

político-revolucionária ao propor uma ética fundada no desejo e não mais na racionalidade?

Sem a pretensão de responder dogmaticamente a essas perguntas, a título de conclusão apresento algumas conclusões que me parecem plausíveis

V. Concluindo e resumindo

Se o Freud epistolar parece mais ocupado em viver eticamente do que refletir sobre o complexo fenômeno moral, sua obra psicanalítica é perpassada de ponta a ponta por uma inquietação ética.

Não há, porém, 'um' discurso ético freudiano sistemático e linear. Há mais um pluralismo de discursos que coexistem, não se contradizem 'fundamentalmente' e estão sintonizadas, 'geralmente', com as sucessivas reformulações de sua metapsicologia. Daí as várias interpretações possíveis.

Para a psicanálise freudiana não existe uma ética originária inscrita no coração do homem. A problemática ética surge na medida em que o sujeito pode e deve ser pensado sempre dentro do campo da cultura.

Nesse sentido, a 'gênese' ou 'as fontes' da moral são duas: uma relacionada com o intransponível desamparo infantil e sua dependência das vontades dos pais reais, educadores, figuras de autoridade, os quais não passariam de uma reatualização da vontade do pai primevo.

A segunda, da necessidade 'racional' de prescrições para regular a existência e convivência humana, "pela necessidade de delimitar os direitos das sociedades contra o indivíduo, os direitos do indivíduo contra a sociedade e dos indivíduos uns contra os outros." (1939, p.145).

Nessas duas fontes, é possível reconhecer: primeiro, a tradição religiosa judaico-cristã do Ocidente fundamentada sobre a moral heterônima do Pai, a consciência moral, o sentimento de culpa que – na concepção de Freud -

inicialmente, é " apenas um medo da perda do amor, uma ansiedade 'social' " (FREUD, 1930, p.148); segundo, a tradição filogenética do pacto de irmãos e a filosófico-racionalista que postula uma moral autônoma, nascida do 'intelecto', da 'razão', do 'espírito científico' nos quais Freud (1933b, p.208) depositava "nossa maior esperança para que [...] possa, com o decorrer do tempo, estabelecer seu domínio sobre a vida mental do homem".

Na realidade, as duas fontes e as duas tradições estão intimamente relacionadas, sendo que a primeira é mais arcaica. A razão pela qual ainda hoje o problema ético "nos parece tão grandioso [...], tão misterioso, e, de modo místico, tão auto-evidente, deve essas características à sua vinculação com a religião, à sua origem na vontade do pai". (FREUD, 1939, p.145).

O 'mal-estar' dos indivíduos, quando não a neurose, a doença, a hipocrisia, a revolta, em outras palavras, o conflito ético decorre do fato que os impasses entre pulsão e cultura são estruturais e não conjunturais, o que revela a intransponível situação de desamparo psíquico em que se encontra o sujeito num mundo sem deus e assujeitado às exigências da Cultura.

Mesmo com todas as limitações da liberdade do sujeito (determinismo do inconsciente, forças pulsionais incontroláveis, exigências culturais excessivas), a psicanálise freudiana não é fiadora de uma moral conformista. O Ego 'deve' advir onde havia Id ou Superego, o que coloca a psicanálise na seqüela do pensamento iluminista: crença na autonomia da razão para investigar o mundo da *physis* e do *ethos*; a reivindicação do indivíduo ao prazer e à felicidade, a despeito e à revelia das exigências morais da tradição e da coletividade; a crença no universalismo da natureza humana. Essas não são apenas as características da Ética da

modernidade, mas também da Ética freudiana (ROUANET, 1933, p.96ss) .

Instruído, porém, pela psicanálise, suspeita que o racionalismo, o individualismo e o universalismo da ilustração são apenas uma aposta. Não é um novo Moisés portador de um novo decálogo. Propositalmente não se apresentou como um profeta, mas como um pensador que nos força a pensar e, quem sabe a não perder a esperança no deus *Logos*, ou no divino *Eros*, ou qualquer outro nome com o qual se queira caracterizar o esforço sobre-humano de construir e reconstruir um mundo ético, mesmo sabendo que a dialética Lei - Desejo não possa ser suprassumida e apaziguada nem na esfera individual nem na coletiva.

Enfim, a despeito de um certo pessimismo teórico, que se radicaliza com a introdução da pulsão de morte, como uma pulsão originária e autônoma, é inegável que há uma certa proposta ética que pode ser inferida da psicanálise freudiana e que aponta para alguns ideais e concomitantes dificuldades: o ideal da autenticidade e a dificuldade de ultrapassar a distância entre saber e verdade; o ideal da independência e a dificuldade de ultrapassar o arcaísmo de nossa infância; o ideal da capacidade de amar e a dificuldade de lidar com a 'errância' do desejo; o ideal de justiça – "a primeira exigência da civilização" (FREUD, 1930, p.116) - e a interferência do egoísmo e da pulsão de morte que nos habita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas.* Rio de Janeiro: Imago, 1977.

(1895a) Projeto para uma psicologia científica. I
(1895b) Estudos sobre histeria. II

(1898) A sexualidade na etiologia das neuroses. III
(1905) Três ensaios sobre a sexualidade. VII
(1908) Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna. IX
(1912-13) Totem e Tabu. XIII
(1913) A disposição à neurose obsessiva. Uma contribuição ao problema da escolha da neurose
(1915) Reflexões para os tempos de guerra e morte. XIV
(1914) Sobre o narcisismo: uma introdução.
(1920) Além do princípio do prazer XVIII
(1921) Psicologia das massas e análise do eu. XVIII
(1923) O ego e o id. XIX
(1925) A responsabilidade moral pelo conteúdo dos sonhos
(1927) O futuro de uma ilusão. V. XXI
(1933a) XXXI das Novas Conferências Introdutórias à psicanálise: A dissecação da personalidade psíquica. XXII
(1933b) XXXV das Novas Conferências Introdutórias à psicanálise: A questão de uma Weltanschauung. XXII
(1937) Análise terminável e interminável. XXIII
(1939) Moisés e o monoteísmo. XXIII.
(1982) Correspondência de Amor e outras cartas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982

FERRAZ, Flávio Carvalho. *A eternidade da maçã*: Freud e a ética. S. Paulo: Escuta, 1995.
FROMM, Erich. *Análise do homem.* Rio de Janeiro: Zahar, 1980
___. *Ética e Psicanálise.* Lisboa: Editorial Minotauro, s/d
___ *Psicanálise e religião.* Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1966
GOLDENBERG, Ricardo. *Ensaio sobre a moral de Freud.* Salvador: Ágalma, 1994.
GARCIA-ROZA, Luis Alfredo. *O mal radical em Freud.* Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

HARTMAN, H. *Psychanalyse et valeur moral.* Toulouse: Privat, 175 (Tad do ingles *Psychoanalysis and Moral Values. 1960)*
JUNQUEIRA, Camila. *Ética e Consciência Moral na Psicanálise.* São Paulo: Via Lettera, 2005
LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro VII. A ética da Psicanálise.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
MARCUSE, Herbert. *Eros e civilização:* uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. 8.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981
MATTEO, Vincenzo Di. O discurso ético em *O mal-estar na civilização. Perspectiva Filosófica,* v.V, n.10. p.19-46, jan./dez. 1997-98
PLÉ, Albert. *Freud et la Morale.* Paris: Le Cerf, 1969.
RICOEUR, Paul. *O conflito das interpretações.* Rio de Janeiro: Imago, 1978
RIEFF, Philip. *Freud, the mind os the moralist.* Londres: Victor Gollancz, 1960. (*Freud. La mente de un moralista.* Trad. A. Cucurulio. Buenos Aires: Ed. Paidós, 1966).
RORTY, Richard. Freud and Moral Reflexion. In: KERRIGAN. W. e SMITH, J. (eds.) *Pragmatism's Freud:* the moral disposition of psychoanalysis. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1986. (Freud e a reflexão moral: In: ___. *Ensaios sobre Heidegger e outros escritos filosóficos 2.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999. p.193-219).
ROUANET, Sergio Paulo. *O mal-estar na modernidade.* São Paulo: Compañía das Letras, 1993
WALLWORK, Ernest. *El Psicoanálisis y la ética.* México: Fundo de Cultura Econômica, 1994.